

**Ministério da Cultura  
Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN  
Departamento do Patrimônio Imaterial  
Coordenação Geral de Identificação e Registro**

Brasília 30 de setembro de 2009.

Parecer nº 27/GR/DPI/Iphan

**Assunto: Processo 01450.011821/2009-82 referente ao Registro d'O Toque dos Sinos em Minas Gerais, tendo como referência São João del-Rei e as cidades de Ouro Preto, Mariana, Catas Altas, Congonhas do Campo, Diamantina, Sabará, Serro e Tiradentes**

À Sra. Coordenadora de Registro do Departamento do Patrimônio Imaterial encaminho o seguinte PARECER:

Trata-se de parecer conclusivo sobre o pedido de Registro do Toque dos Sinos em Minas Gerais, tendo como referência São João del-Rei e as demais cidades citadas acima, apresentado inicialmente pela Secretaria de Cultura do Estado de Minas Gerais, por meio do Ofício SEC/GAB/920/01, referindo-se apenas a São João del-Rei<sup>1</sup>. A inclusão das demais cidades foi-se construindo com o desenvolvimento do processo e a manifestação do interesse das comunidades, como se verá adiante.

---

<sup>1</sup> Consta do processo uma cópia deste Ofício, cujo original foi encaminhado à 13ª SR, onde se extraviou.



O pedido inicial foi apresentado pelos são-joanenses, por ocasião de uma conferência sobre o toque dos sinos de São João del-Rei<sup>2</sup>, proferida pelo então Secretário de Cultura de Minas Gerais, e membro do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural - Iphan, Sr. Ângelo Oswaldo de Araújo Santos.

Em resposta a essa solicitação, e considerando o interesse da então 13ª Superintendência Regional do Iphan/MG, o antigo Departamento de Identificação e Documentação – DID acolheu o pedido e, em novembro do mesmo ano de 2001, abriu o Dossiê de Estudos R-05/01. Em seguida o DID informou à Secretaria de Cultura/MG e à 13ª SR sobre a abertura do Dossiê<sup>3</sup>, dando início à instrução técnica do processo de Registro do Toque dos Sinos. A coordenação da pesquisa foi assumida pela 13ª SR, sob a responsabilidade de Jairo Braga Machado, historiador do quadro do Iphan lotado no Museu Regional de São João del-Rei à época.

A pesquisa teve início em 2002, com pesquisadores e consultores especialmente contratados com o apoio da Funrei - Fundação de Pesquisa da Universidade Federal de São João del-Rei<sup>4</sup>, mas, em virtude de inúmeras mudanças institucionais, foi interrompida. A equipe constituída e treinada na metodologia do INRC foi desmobilizada no final daquele ano.

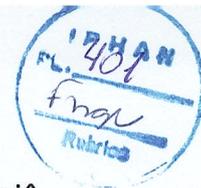
Contudo, o trabalho iniciado em São João del-Rei permitiu que se reunissem referências bibliográficas e documentos, alguns inéditos, fundamentais para o conhecimento sobre o toque dos sinos, não apenas naquela região mas em outras cidades mineiras, que até então se encontravam dispersos. Este material foi organizado, sistematizado e juntado ao presente processo, na forma de bibliografia, entrevistas, fichas do INRC, Caderno de

---

<sup>2</sup> A grafia correta do nome da cidade de São João del-Rei, assim como de seu adjetivo gentílico, são-joanense, foi definida pela Lei Municipal 4.253, de 2008.

<sup>3</sup> À época, os procedimentos para a instauração dos processos de Registro estabeleciam a abertura de um Dossiê de Estudos e só após a pesquisa e documentação do bem cultural, a abertura do processo administrativo já devidamente instruído.

<sup>4</sup> Com recursos orçamentários do próprio Iphan, a equipe contratada através da Funrei era a seguinte: Maria das Dores Freire, historiadora responsável pelo treinamento na metodologia do INRC; André Dangelo, especialista consultor; Fernando Antônio da Conceição e Maria da Luz Coelho, pesquisadores; Claudia Resende, historiadora, coordenadora técnica da pesquisa.



Textos e, finalmente, incorporado como conhecimento sistematizado no dossiê descritivo, que compõe seu terceiro volume.

Essas pesquisas iniciais também foram importantes para estabelecer que os sinos tocavam além de São João del-Rei, e não eram uma expressão exclusiva desta cidade, apesar de esta ser a principal referência, um padrão de excelência, para estudiosos e sineiros.

Tornou-se claro, portanto, que o território a ser pesquisado necessitaria de uma ampliação, tendo em vista as inúmeras referências à constituição de repertórios e à prática de toques de sinos em outras cidades mineiras. Como costuma acontecer no trato com o patrimônio cultural de qualquer natureza, a cultura não obedece às fronteiras político-administrativas estabelecidas pelos homens. Com certeza, a expressão dos sinos em outras cidades de Minas, (sem falar em outras do Brasil, e desde suas origens mais longínquas, no continente europeu) concorreram para a conformação do extenso conjunto de toques que São João del-Rei possui hoje.

A decisão quanto à ampliação do sítio a ser inventariado tratou de atender também a um dos objetivos precípuos da política de salvaguarda do patrimônio cultural de natureza imaterial: a de conhecer e documentar, tanto quanto possível, as diferentes versões e expressões de determinada manifestação cultural, sem pretender, pela própria dinamicidade dos processos sociais, dar a temática como esgotada. Dessa forma, se busca garantir que os bens culturais registrados como patrimônio cultural brasileiro sejam efetivamente referenciais da identidade, da ação e da memória de todos os grupos sociais que se reconheçam como seus detentores. Sem descurar do respeito à diferença e da valorização da diversidade, busca-se sempre garantir a inclusão cultural.

A propósito da ampliação do território da pesquisa, vale lembrar, ainda, que, no início do processo (final de 2001), a publicação do Decreto 3.551/2000 era recente e cabia testar os procedimentos desse instrumento, conforme justifica o projeto básico de contratação dos serviços técnicos para sua instrução. A experimentação desses procedimentos, para cada uma das categorias definidas nos livros de Registro, foi uma recomendação expressa do



Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural em reunião logo após a instituição do Registro.

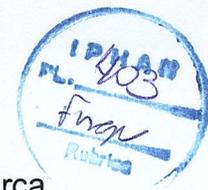
Foram definidas, assim, além de São João del-Rei, outras oito cidades cujas referências a sineiros e toques de sinos, assim como histórias e lendas em torno deles, foram identificadas durante a 1ª etapa de pesquisa, quais sejam: Ouro Preto, Mariana, Catas Altas, Congonhas do Campo, Diamantina, Sabará, Serro e Tiradentes. Dessas, apenas Catas Altas não tem o seu sítio urbano tombado pelo Iphan, mas é detentora de monumentos isolados reconhecidos como patrimônio nacional.

Além disso, há outros elementos em comum entre essas nove cidades: seu processo de formação, em torno da atividade mineradora, desenvolvida durante o período colonial; a forte presença da mão-de-obra escrava, no mesmo período histórico, que veio a se constituir num dos elementos conformadores da sociedade mineira e da expressão dos toques dos sinos<sup>5</sup>. Outro elemento comum às cidades inventariadas, mas não exclusivo, é o estabelecimento de associações religiosas leigas nessas vilas, que se responsabilizavam pelos ofícios litúrgicos oferecidos à população e, dentre esses ofícios, o de tocar os sinos. Esses sodalícios (nome genérico das associações ou irmandades religiosas) foram e continuam sendo os principais responsáveis pela manutenção da prática sineira em algumas dessas cidades<sup>6</sup>. O Barroco é igualmente um elemento comum e marcante nas cidades selecionadas, não apenas como estilo artístico e litúrgico, mas também como visão de mundo, pois, como se diz, o som dos sinos é a voz do barroco mineiro. Um último elemento a ser acrescentado, é o destaque dado à música nas cidades inventariadas, como ocorre em tantas outras cidades mineiras e em várias outras cidades do Brasil, originárias também das vilas coloniais da América portuguesa, onde havia intensa produção cultural e musical em torno das festas de santos católicos e da liturgia da Igreja.

---

<sup>5</sup> A pesquisa encontrou fortes indícios de que a matriz cultural africana exerceu influência significativa sobre a forma como os sinos eram tocados nas cidades inventariadas, conforme se demonstra na documentação constante do processo.

<sup>6</sup> Conforme a pesquisa, as irmandades se mantiveram muito fortes ao longo desses quase três séculos de existência em São João del-Rei. Nas demais cidades inventariadas, a situação é muito variada, e, com certeza, o maior ou menor enraizamento da prática sineira no cotidiano das pessoas é proporcional à maior ou menor presença desses sodalícios em cada uma delas.



Assim, estabelecidos os entendimentos entre o DPI e a 13ª SR acerca do território a ser inventariado, tratou-se de dar continuidade à instrução técnica do processo, procedendo-se à pesquisa e documentação sobre o toque dos sinos em Mariana, Ouro Preto e Catas Altas, sendo para tanto contratada a empresa Santa Rosa Bureau Cultural<sup>7</sup>, no final de 2004.

Os produtos entregues nessa etapa deixaram muito a desejar: as fichas do INRC apresentavam dados incompletos, e não ofereciam conhecimento sistematizado sobre o toque dos sinos naquelas cidades. Do mesmo modo, a documentação audiovisual produzida no processo de pesquisa foi entregue sem nenhum tipo de edição. No entanto, entre a documentação apresentada havia também novos textos de estudiosos, que se mostraram fundamentais para a continuidade das pesquisas sobre o toque dos sinos, como as “Considerações sobre um levantamento de fontes manuscritas, impressas e bibliográficas sobre os sinos no barroco luso-brasileiro”, da historiadora Adalgisa Arantes Campos. Estes trabalhos foram incorporados ao dossiê descritivo e juntados ao Caderno de Textos – Anexo II, do presente processo.

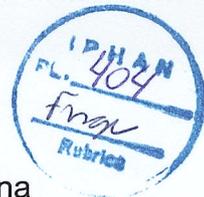
Na mesma época, (fim de 2004), foram adquiridas pelo Iphan 23 horas de gravações em vídeo de celebrações e toque de sinos (especialmente na Semana Santa) em São João del-Rei, além de acervo fotográfico sobre o mesmo tema. De autoria de João Ramalho, este material foi igualmente juntado ao processo – Apenso III – e em parte aproveitado na edição do documentário audiovisual do toque dos sinos.

Em 2007 e 2008, o inventário se estendeu até as cidades de Congonhas, Sabará, Serro e Diamantina, agora sob responsabilidade da ONG Núcleo Brasileiro de Percussão - NBP<sup>8</sup>. Ao tempo em que a equipe contratada

---

<sup>7</sup> A empresa foi contratada em dezembro de 2004, por dispensa de licitação, pelo Superintendente da 13ªSR, à época o arqueólogo Fabiano Lopes de Paula. Para realizar as pesquisas nas cidades mencionadas, a Santa Rosa mobilizou uma grande equipe de especialistas, pesquisadores, consultores, fotógrafos e *videomakers*, sob a coordenação técnica de Jason Barroso Santa Rosa. Entre os consultores destacam-se os especialistas Fábio Montanheiro, André Dangelo, Adalgisa Arantes Campos e Hebe Maria Rola Santos.

<sup>8</sup> O Núcleo Brasileiro de Percussão foi contratado mediante licitação, para pesquisar e documentar o toque dos sinos nas cidades mencionadas, como também para consolidar e sistematizar as informações e a documentação produzidas e/ou adquiridas em todas as etapas anteriores das pesquisas para instrução do processo. A equipe do NBP foi assim constituída: Juliana Araújo, historiadora, coordenadora técnica; Ana Flavia Macedo, Djalma Corrêa, Cid



desenvolvia o trabalho nestas cidades, o inventário do toque dos sinos na cidade de Tiradentes foi realizado pela historiadora Corina Maria Moreira Rodrigues, servidora lotada na Superintendência Regional do Iphan em Minas Gerais.

Considerando o modo como começou – com base em um pedido de Registro do Toque dos Sinos em São João del-Rei – e o estágio de desenvolvimento da instrução técnica do Registro do Toque dos Sinos, em meados de 2008 tratou-se de estabelecer seu recorte territorial e por consequência, o nome desse Registro, no âmbito da Câmara do Patrimônio Imaterial<sup>9</sup>, que já vinha discutindo a questão. Em reunião realizada na sede da 13ª SR, em Belo Horizonte, com a presença dos pesquisadores do Iphan e demais envolvidos no processo, e com base no recorte territorial da pesquisa e na singularidade de suas expressões identificadas nas diferentes localidades, a Câmara decidiu que o objeto deste Registro deveria ser: ***O Toque dos Sinos em Minas Gerais, tendo como referência São João Del-Rei e as cidades de Ouro Preto, Mariana, Catas Altas, Congonhas do Campo, Diamantina, Sabará, Serro e Tiradentes.*** A partir de então foi adotado este título para nomear todos os produtos da pesquisa, como também o processo administrativo.

Concluindo a última etapa dos trabalhos de pesquisa e documentação para instrução do processo, o material produzido pelo NBP, com base no inventário do Toque dos Sinos nas cinco cidades acima citadas, como também o conhecimento produzido nas pesquisas anteriores nas cidades de São João del-Rei, Ouro Preto, Mariana e Catas Altas, foram consolidados em seis volumes do INRC, impresso e em meio digital, anexados ao processo – Anexos Ia e Ib. Diferente do que se esperava como síntese dos resultados da pesquisa, ao invés de um dossiê descritivo e de um documentário audiovisual, o NBP produziu um Hipertexto (texto multimídia) sobre o toque dos sinos, muito interessante tanto na forma quanto no conteúdo, mas que não atendia ao

---

Knippel, Pablo Lobato e Cristina Leme, pesquisadores; Marcos Ferreira e Francisco de Assis, consultores.

<sup>9</sup> A Câmara do Patrimônio Imaterial é a instância assessora técnica do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural, constituída de quatro conselheiros e de dirigentes do DPI, conforme o Art.5º da Resolução 001/2006.



formato padrão para divulgação dos bens registrados. É sim, um documento para pesquisadores e demais interessados, e assim foi anexado ao processo – Anexo VI.

Conforme adiantei no início deste parecer, durante vários momentos da pesquisa, as comunidades das cidades inventariadas se mobilizaram em torno do reconhecimento do Toque dos Sinos como patrimônio, como se pode ver nos abaixo assinados que solicitam o Registro, colhidos nas cidades do Serro e de Sabará, em 2007, que constam do processo. A estes se juntaram apoios e anuências ao processo de Registro do Toque dos Sinos, da parte da Associação dos Amigos do Serro - AASER, em 2008, e mais recentemente da Associação das Cidades Históricas de Minas Gerais e de inúmeras instituições públicas e civis de Ouro Preto, também incorporados aos autos.

O dossiê descritivo, que sintetiza todo o conhecimento produzido sobre o toque dos sinos para instrução técnica do processo, e constitui seu Volume III, foi elaborado pela historiadora do DPI Ana Lúcia Abreu Gomes, que vinha supervisionando esses trabalhos desde 2007. Ela também produziu o roteiro e supervisionou a edição do documentário audiovisual que sintetiza o Toque dos Sinos em Minas Gerais<sup>10</sup> – Anexo IV.

A documentação reunida, produzida e sistematizada ao longo das pesquisas foi organizada pela técnica do DPI, Fabíola Nogueira da Gama Cardoso, para constituir o presente processo em três volumes, com anexos e apensos.

Todos os requisitos para o Registro de um bem cultural, em conformidade com a Resolução 001/2006, estão devidamente contemplados no presente processo. Trata-se agora de apresentar os fatos que, no nosso entendimento, justificam o reconhecimento do Toque dos Sinos em Minas Gerais como patrimônio cultural brasileiro, tendo como referência São João del-Rei e as cidades *de Ouro Preto, Mariana, Catas Altas, Congonhas do Campo, Diamantina, Sabará, Serro e Tiradentes*.

---

<sup>10</sup> Foi o último trabalho desta servidora no Iphan, de onde saiu, em 22/06/2009, para assumir uma vaga no quadro permanente de outra instituição federal.

## O Objeto do Registro

*“Estes dobres e repiques são respostas, são poemas que o bronze transforma em sons. De geração a geração estes “Principadas”, “Tenstens”, “terentenas”, “Clens”, “Tencão Festivo”, “Senhora Morta”. Que menino empinou o meio? Quem lustrou o garfo? Poliu a bacia com o óleo queimado? Verificou as amarras de couro do badalo? Nas sineiras recortadas, os sinos são as pupilas dessas torres. Com suas bocas de bronze, contam histórias de fantasmas. Quem organiza? Quem encontrou a paz do som eterno? Quem vai celebrar a missa das almas? Quem chama o sineiro? Que festa se anuncia? A linguagem do bronze alerta e avisa, conclama e convida, explica e esclarece. Aqui não teve infância quem não aprendeu a conversar com os sinos.”*

Jota Dangelo

A pesquisa desenvolvida para instrução do pedido de Registro do Toque dos Sinos em Minas Gerais demonstrou que os sinos continuam tocando em São João del-Rei, onde essa prática está viva e presente, e também nas demais cidades inventariadas, onde se ouvem reverberações e ressonâncias muito significativas das expressões sineiras.

A relação do toque dos sinos com a população das cidades inventariadas não é, exclusivamente, uma relação de comunicação ou de controle do tempo, como também não o era no mundo de outrora. Se fosse assim, como explicar os 10 toques diferentes para comunicar a celebração de uma missa, em São João del-Rei? Apenas um seria suficiente. Esse e outros elementos levam à concluir que a função comunicativa e também a de controle do tempo<sup>11</sup> persistem; contudo, a relação entre essa prática e a comunidade de indivíduos não é de mera funcionalidade.

Em alguns casos, há vários toques que podem ser utilizados numa mesma situação de comunicação, reiterando que a relação da cidade e dos sineiros com os toques dos sinos inclui outras dimensões relacionadas ao reconhecimento de uma forma de expressão que eles consideram seu patrimônio.

---

<sup>11</sup> A pesquisa nos informa que há quem espere o toque do *Ângelus* matutino para se levantar e não, necessariamente, para rezar a Ave Maria. Em Congonhas do Campo, muitos entrevistados afirmaram que perdem a hora do trabalho se os sinos tocam atrasados.

Como se pode constatar na documentação constante do processo, o toque dos sinos é expressão reveladora da identidade e da diversidade cultural das cidades inventariadas. Seus habitantes se reconhecem e se distinguem dos habitantes de outras cidades porque atribuem um significado particular ao toque dos sinos, ao repertório dos toques, ao som diferenciado que *plange* de cada um daqueles bronzes, desde a torre das várias igrejas das suas cidades, particularmente em São João del-Rei e em Ouro Preto. Essas cidades ainda conservam uma série de toques que existiram em inúmeras vilas e cidades da América portuguesa e do Brasil. Sua continuidade histórica estabelece, para essas comunidades, uma identidade ímpar, uma vez que elas ainda são capazes de decodificar os toques de sinos.

O pedido de Registro do Toque dos Sinos apresentado por essas cidades, expressa um sentido de pertencimento a uma paisagem sonora que lhes atribui uma especificidade, ao tempo que os insere nos processos de construção de uma identidade cultural brasileira formada, em boa parte, de elementos da nossa religiosidade, tanto erudita quanto popular.

As igrejas, suas torres sineiras, os sinos de bronze, o repertório e a expressão dos toques testemunham a riqueza e a opulência do ciclo do ouro, a contribuição da mão-de-obra escrava à produção do ouro, das igrejas, dos sinos e dos seus toques, e de todas as demais condições necessárias à vida e à morte dos homens daqueles tempos; dão conta das associações religiosas leigas, de sua função social, do papel que desempenham na promoção das artes e da música, e de sua importância política.

Como no processo de pesquisa não foram encontradas notações musicais dos toques dos sinos, pode-se concluir que a estrutura, composição e o saber tocar sinos está na habilidade e na memória dos sineiros de Minas Gerais. A pesquisa constatou que quando um antigo sineiro, por diferentes motivos, não pode mais tocar os sinos e não teve oportunidade de transmitir seu saber, a cadeia de reprodução dessa forma de expressão é interrompida, às vezes de forma irreversível. Em todas as cidades inventariadas os entrevistados reconhecem que o sineiro desempenha um papel fundamental. E seu conhecimento dos toques e habilidade em produzi-los não se aprende na escola.

É aprendido que requer observação, envolvimento e dedicação, desde a infância. Em geral, desde adolescentes, eles freqüentam as torres para ouvir, ver e acompanhar os toques. Quando meninos, eles não têm acesso às torres. Mas não deixam de reproduzir o som que *plange* dos campanários das igrejas em painéis, postes, enxadas, picaretas, e em tudo o mais que puderem "batucar". Na cidade de São João del-Rei há a *Via Sacra*, sempre aos domingos, quando os aprendizes de sineiros percorrem as torres das principais igrejas da cidade para aprender e ocasionalmente tocar os sinos.

Os sineiros entrevistados durante a pesquisa têm entre 20 e 60 anos, e são homens em sua maioria. Eles próprios fazem a classificação daqueles que executam o ofício: antigos sineiros, jovens sineiros, zeladores sineiros e mestres sineiros. Antigos sineiros são aqueles que tocam os sinos esporadicamente. Entretanto, com relativa freqüência, são chamados para esclarecer dúvidas em ocasiões não rotineiras. Jovens sineiros são aqueles que tocam os sinos no dia-a-dia. Zeladores sineiros devem dar condição aos jovens sineiros de executar a sua tarefa. Há casos em que estes acabam tocando os sinos. Mestres sineiros são sineiros já falecidos que fazem parte da história da localidade e são uma referência desse saber e do ofício.

Outra característica dos sineiros é sua profunda relação com bandas, orquestras, liras, escolas de samba, entre outros espaços de expressão da musicalidade, quer seja popular ou erudita.

Entretanto, a situação dos sineiros nas nove cidades inventariadas não é homogênea. São João del-Rei se destaca, mais uma vez, por reconhecer os sineiros como profissionais, com salário e carteira assinada pelas irmandades. Já nas outras cidades, a situação é mais precária, sendo que Ouro Preto é a que apresenta as condições mais favoráveis, embora suas irmandades não tenham o mesmo poder e projeção que possuem em São João del-Rei, assumindo apenas em parte a sustentação dessa prática.

Outro exemplo contundente é a cidade de Mariana, que é a sede do arcebispado e por isto as irmandades sempre foram subsumidas pela presença da Igreja. O papel reduzido dessas irmandades com certeza contribuiu para a interrupção da expressão dos sinos e da sua cadeia de transmissão na cidade.



No mesmo sentido, a pesquisa também demonstrou que não há envolvimento da Igreja com os sineiros e o toque dos sinos. Com exceção de um ou outro clérigo que, por razões pessoais se interesse pelo tema, em geral eles não se envolvem com o toque dos sinos.

Portanto, o papel das associações religiosas, da mesma forma que outrora, é muito importante para a continuidade dessa forma de expressão, para manutenção dos sineiros e da cadeia de transmissão dos toques nas cidades inventariadas. Pode-se concluir, pelo conhecimento produzido nas pesquisas, que, nas cidades onde as irmandades se mantiveram fortes, a prática sineira tem maior expressão, de maneira mais densa e consistente, como é o caso de São João del-Rei. Naquelas onde os sodalícios desapareceram — porque a sociedade local não via mais sentido nas práticas sociais por eles agenciadas — observa-se seu progressivo apagamento.

Sendo assim, pode-se concluir que o toque dos sinos como forma de expressão envolve uma complexa rede de relações entre irmandades, musicalidade, torres, sinos e gerações e gerações de sineiros. A estes, cabe a tarefa de manter e transmitir seus conhecimentos (e habilidades) às novas gerações de sineiros.

Aqui também se destaca São João del-Rei, entre as cidades mineiras-sineiras. Ali, onde o toque dos sinos é uma prática tão viva e dinâmica, os sineiros criaram uma forma de aprimorar e valorizar os toques: o gancho de ferro colocado entre o badalo e a corda, invenção reconhecida e aplaudida pelos sineiros das demais cidades.

A dimensão formal dessa referência cultural se relaciona à sua dimensão estética, à percepção sensorial e à sua função comunicativa. O Toque dos Sinos é forma de expressão que necessariamente associa a ocasião e a estrutura do toque. Segundo o texto descritivo, é a correta associação desses elementos que garante a efetiva transmissão de mensagens. Em relação à ocasião, deve-se levar em consideração se ela é festiva ou fúnebre. Isso determina o ritmo a ser impresso ao toque: em caso festivo, ritmos acelerados, em ocasiões fúnebres, o ritmo é mais lento. Quanto à estrutura dos toques, estes são determinados por sua execução: com o sino



paralisado (pancadas, badaladas, repiques) ou com o sino em movimento (dobres).

No que se refere à sua função comunicativa, o Toque dos Sinos em São João del-Rei se destaca frente às demais cidades: lá são reconhecidos cerca de 40 toques, dentre repiques e dobres, todos nomeados e com uma estrutura formal precisa. Na verdade, os toques em São João del-Rei compõem um conjunto complexo não só de badaladas, pancadas, repiques e dobres, mas, também, apresentam um grau de sofisticação ímpar em sua forma de execução: não há repique que não seja executado com um conjunto mínimo de três sinos que, segundo a explicação dos próprios sineiros, “conversam” entre si. Nessa conversa, o sino menor (mais agudo) faz a marcação, o médio (meião) pergunta e o grande (grave) responde.

Em Ouro Preto, podemos identificar situações bastante similares a São João del-Rei, apesar de não haver denominações específicas para os toques.

Em Mariana, como já mencionado, houve uma interrupção na cadeia de transmissão do toque dos sinos que vem sendo retomada agora. O mesmo ocorre em Diamantina, onde há uma intensa movimentação de retomada da atividade sineira.

Fica demonstrado, assim, que nas cidades inventariadas, o toque dos sinos continua presente, em maior ou menor grau, seja vigente e íntegro no cotidiano, como em São João del-Rei e Ouro Preto, ou com menor intensidade e até na memória dos seus moradores, nas cidades citadas, que buscam revitalizar essa prática. No caso dessas cidades, a perspectiva de registrar o Toque dos Sinos como um patrimônio cultural brasileiro, é tida como um elemento a mais no processo de coesão das suas comunidades.

Nesse sentido, vale arrolar aqui as medidas de salvaguarda indicadas no processo, além da proposição do Registro que apresentaremos adiante:

- a) documentar, com a qualidade técnica e precisão necessárias, os diferentes toques de sinos existentes nessas cidades;
- b) promover oficinas para recuperação dos toques nas cidades onde estes se perderam, considerando a memória local;
- c) promover oficinas para troca e difusão do repertório dos toques;



- d) incentivar a pesquisa acerca dessa forma de expressão bem como de sua história ao longo do tempo;
- e) difundir por outros mecanismos como publicações, documentação sonora e audiovisual, os resultados das pesquisas realizadas;
- f) realizar obras de manutenção e conservação das torres e dos sinos, de modo a viabilizar a continuidade dos seus toques e a melhoria das suas condições de expressão e reprodução;
- g) valorizar ofício de sineiro por meio da regulamentação de sua atividade nas igrejas, como uma forma de reconhecimento de sua contribuição para a preservação da cultura brasileira;
- h) identificar e documentar as irmandades, os rituais litúrgicos e as celebrações religiosas associados aos toques dos sinos, como forma de promover sua continuidade.

Concluindo, dizem que os sinos e seus toques comunicam uma série de mensagens, que são decodificadas não só pelos moradores das cidades, mas também por Deus. Pois, como se acredita e como reza a tradição da alma barroca, mineira, que exala nas cidades inventariadas, quando um sino toca Deus escuta a prece com mais atenção.

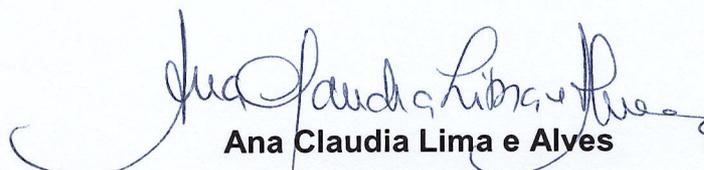
Mas, não é demais ressaltar, como fica demonstrado no presente processo, e parafraseando a serrana Dôia Freire, é em São João del Rei que o som dos sinos se faz ouvir *mais forte, mais rico, cultivado e renovado como arte, ofício e devoção, sustentado por uma teia de relações que une irmandades e gerações de sineiros, como em nenhuma outra das cidades pesquisadas*. Então, o destaque no objeto do presente processo é plenamente procedente: **o Registro d'O Toque dos Sinos em Minas Gerais, tendo como referência São João del-Rei e as cidades de Ouro Preto, Mariana, Catas Altas, Congonhas do Campo, Diamantina, Sabará, Serro e Tiradentes.**

## Proposição do Registro

Por tudo o que foi exposto, fica claro que o toque dos sinos constitui uma referência cultural das cidades inventariadas, com destaque para São João del-Rei, onde mais intensamente se associam os sinos, as torres sineiras das igrejas, os sineiros, sua comunidade de ouvintes e os rituais e celebrações religiosas que motivam essa forma de expressão. Propomos, assim, **que o reconhecimento como patrimônio cultural brasileiro d'O Toque dos Sinos em Minas Gerais**, tendo como referência São João del-Rei e as cidades de Ouro Preto, Mariana, Catas Altas, Congonhas do Campo, Diamantina, Sabará, Serro e Tiradentes, **se faça por um duplo Registro: a inscrição do Toque dos Sinos como Forma de Expressão, no livro correspondente, e a inscrição do Ofício de Sineiro no livro de registro dos Saberes**, por ser ele o principal responsável pela transmissão desse saber em bases tradicionais.

S.M.J é este o nosso parecer.

Brasília, 28 de setembro de 2009.

  
**Ana Claudia Lima e Alves**  
Técnico IV - Mat. 224029

De acordo.

À Diretora do DPI,  
para os demais encaminhamentos.

Em 30 de setembro de 2009

  
**Claudia Vasques**

Coordenadora de Registro – DPI/Iphan